A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • DEZEMBRO DE 1993

A LIAHONA

DEZEMBRO DE 1993

Na capa:
Reunir amigos e parentes para encenar os acontecimentos que cercaram o nascimento do Salvador é uma bela maneira de se manter em foco o verdadeiro espírito de Natal. Ilustrado por Paul Mann.

Capa da *Seção Infantil*:
A idéia de decorar uma árvore na época de Natal originou-se na Europa, mas, hoje, as crianças de muitas partes do mundo alegam que esta é uma tradição do seu país. Vide algumas idéias para decoração na página 16. Fotografia de Melanie Shumway.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: O ESPÍRITO DE NATAL PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 2

O CAMELO DESLOCADO JANET EYESTONE BUCK 8

CONHECER O PASTOR ÉLDER ROBERT E. WELLS 10

NOITE FELIZ DEANNE WALKER 22

JOSEPH FIELDING SMITH: UM DISCÍPULO GENTIL LEON R. HARTSHORN 26

A ESTRADA PARA BELÉM D. KELLY OGDEN 34

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

O MELHOR DE TODOS OS PRESENTES JIMMY KAIRI 16

NOSSA FESTA DE NATAL NETZAHUALCOYOTL SALINAS VILLAZAES 18

PRESENTES DE NATAL 20

ELE VIVE SALLY J. ODEKIRK 32

FICÇÃO: UMA EXCELENTE MENSAGEM DE NATAL ALMA J. YATES 42

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: MULHERES DE CONVÊNIO 25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: O POVO DE AMON 2

UMA MENSAGEM DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA 4

TEMPO DE COMPARTILHAR: PAI, AGRADECEMOS-TE JUDY EDWARDS 6

HINO: A CANÇÃO DOS PASTORES DANIEL LYMAN CARTER 8

A IGREJA COMEÇOU COM UM PROFETA SHERRIE JOHNSON 9

FICÇÃO: O PRESENTE DE NATAL LOUISE ENGSTROM 12

ENFEITES DE NATAL 16

DEZEMBRO de 1993, Vol. 17, nº 12
93992 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Rex D. Pinegar, John H. Groberg, V. Dallas Merrell, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnnMartindale
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **CR$ 1.300,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **CR$ 108,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finalandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês, tcheco, húngaro e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The *A Liahona* (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

UM GUIA ESPIRITUAL

Considero a *Liahona* (espanhol) um verdadeiro guia espiritual para mim e minha família, exatamente como foi a *Liahona* original para Léhi e sua família nos tempos antigos.

Há alguns anos, quando os missionários de tempo integral estavam me ensinando, incentivaram-me a perguntar ao Senhor se a Igreja era verdadeira e se eu deveria ser batizada. Embora tivesse dúvidas, eu orei. Fui imediatamente inspirada a pegar a *Liahona* que acabara de receber, e que continha o relatório da conferência geral de outubro de 1985. Abri uma página ao acaso e coincidentemente o título era "A Única Igreja Verdadeira". Esse discurso de Élder Boyd K. Packer, do Quorum dos Doze Apóstolos, ajudou-me a tomar a melhor decisão da minha vida.

Sou membro da Igreja há alguns anos e espero ansiosamente a hora de sair em missão de tempo integral.

Sei que a *Liahona* contribuiu grandemente para que eu entendesse que a Igreja é verdadeira. Ela ainda permanece como um guia para mim, e espero que continue guiando muitos outros para a verdade.

Katiuska Carreño
Ramo Las Acacias
Estaca Portoviejo Equador

CONHECER A VERDADE

Sou muito grata por conhecer a verdade. Sou também grata pela *Tambuli* (inglês) que é uma revista muito interessante.

Já que ser membro da Igreja é tão bom, gosto de compartilhar meu conhecimento do evangelho, e uso a revista para isso. Sei que essa é uma maneira pela qual as pessoas podem saber mais a respeito da Igreja e viver seus princípios. Uma de minhas melhores amigas da escola, certa vez, quis folhear a revista, e hoje gosta de lê-la de capa a capa.

Obrigada por ajudar-me a conhecer a verdade. Sei que sou realmente uma filha de Deus e uma jovem muito abençoada.

Sally J. Valenciano
Ala Milaor
Estaca Naga Filipinas

SEGUIR O EXEMPLO DE CRISTO

Sinto-me feliz por poder alegrar meu coração a cada mês com os artigos da *Liahona* (espanhol). Ela tem me levado pela mão e mostrado as mensagens reveladas a nós por Jesus através dos profetas e líderes.

A revista tem belas ilustrações e fotografias de membros da Igreja que seguem a Jesus Cristo vivendo seus ensinamentos. São pessoas de todas as línguas e nacionalidades. Tenho um forte testemunho da orientação que esta revista proporciona.

José Cazorla Granados
Ramo de Málaga I
Distrito de Málaga
Missão Espanha Sevilha

A ORIGEM DA PRIMÁRIA

Agradecemos a Deus por ter a *Liahona* (espanhol), porque ela nos ajuda muito. Assim que ela chega às minhas mãos, procuro artigos sobre a Primária, pois me interesso muito por sua história. Sempre peço a membros antigos que me contem como e onde a Primária começou.

Sabemos que a Sociedade de Socorro existe há mais de cem anos. Por favor publiquem algo sobre a origem da Primária.

Nora Betty Amaya de Silva
Estaca Palermo Peru

O Espírito de Natal

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

A Praça do Templo, na Cidade do Lago Salgado, é sempre bela, mas nesta época do ano ela reveste-se de um encanto todo especial. A neve que começa a cair, o frio da noite hibernal, o cintilar das luzes, o som de cânticos, o vai-e-vem de pessoas com pesados agasalhos nos fazem lembrar que o Natal se aproxima.

Quantos símbolos de Natal!
Eles estão em todo lugar.
Há uma agitação incomum;
Podemos senti-la no ar.[1]

No histórico Tabernáculo, hoje com mais de cem anos, as cores e os enfeites tradicionais de Natal transportam-nos serenamente no tempo para uma cena pioneira, registrada no diário de Rebecca Riter, no dia 25 de dezembro de 1847 no Vale do Lago Salgado: "O inverno foi rigoroso e as crianças tinham fome. Pensei em usar o trigo que trouxera na travessia das planícies e escondera sob um monte de madeira, mas quando me lembrei de como precisaríamos dos grãos para o plantio na primavera, desisti da idéia".

Na Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado, Utah, um presépio de tamanho natural (à esquerda) representa aquela noite gloriosa em que o anjo do Senhor apareceu aos pastores nos campos. Ao fundo está uma fulgurante estátua do *Christus*, visto através da janela do Centro de Visitantes Norte.

Fé, sacrifício, amor e lágrimas fizeram parte daquele primeiro Natal no Vale do Lago Salgado e ainda hoje estão presentes em nossos lares e corações. Sem dúvida, eles são parte do que chamamos Espírito de Natal.

Eu sou o Espírito de Natal.

Entro na casa pobre, fazendo crianças pálidas arregalarem os olhos em alegre admiração.

Faço o avarento abrir a mão e concedo-lhe assim luminosidade à alma.

Faço o velho reviver sua mocidade e rir alegremente como em outros tempos.

Mantenho vivo o encanto nos corações das crianças e ilumino suas noites com sonhos repletos de magia.

Faço gente galgar com alegria escadas escuras, carregando cestas cheias e deixando atrás de si corações maravilhados com a bondade do mundo.

Faço o esbanjador parar um momento no seu caminho desenfreado e perdulário para mandar aos que o amam alguma pequena lembrança que provoque lágrimas de alegria—lágrimas que lavem de suas faces os duros vincos da dor.

Entro em sombrias celas de prisão, fazendo homens marcados lembrarem-se de como poderia ter sido sua vida e apontando-lhes um futuro melhor.

Entro suavemente na branca e silenciosa casa da dor e faço lábios fracos demais para falar tremerem em inaudível, mas eloqüente gratidão.

Faço de inúmeras maneiras este mundo cansado elevar seus olhos para a face de Deus e por uns breves instantes esquecer as coisas mesquinhas ou vis.

Eu sou o Espírito de Natal.[2]

O Presidente Hugh B. Brown aconselhou-nos a deixar o Espírito de Natal iluminar a janela panorâmica de nossa alma e a erguermos o olhar acima da vida agitada do mundo, dando mais importância às pessoas do que às coisas. Para entender o verdadeiro significado do Espírito de Natal, precisamos ter o Espírito de Cristo.

Esse foi o Espírito que marcou aquele primeiro Natal—um dia já previsto pelos profetas antigos. Isaías, por exemplo, disse: "Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será seu nome Emanuel" (Isaías 7:14). Novamente Isaías declarou: "Porque um menino nos nasceu, . . . e o seu nome será . . . Príncipe da paz" (Isaías 9:6).

No continente americano, o profeta dizia: "O tempo se aproxima e não está muito longe, em que, com poder, o Senhor Onipotente, . . . habitará em um tabernáculo de barro . . . e eis que sofrerá tentações, dores . . . E se chamará Jesus Cristo, o Filho de Deus" (Mosiah 3:5, 7–8).

Então chegou aquela noite gloriosa, quando os pastores que estavam nos campos foram visitados pelo anjo do Senhor, que anunciou: "Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria . . . Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (Lucas 2:10–11). Os pastores foram apressadamente até a manjedoura para prestar homenagem a Cristo, o Senhor, e magos viajaram do Oriente a Jerusalém, "dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo . . . E, vendo eles a estrela, alegraram-se muito com grande alegria. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra" (Mateus 2:2, 10–11).

Com o nascimento do Infante de Belém, deu-se uma grande investidura, uma investidura de poder maior que o das armas, e de uma riqueza mais duradoura que a das moedas de César. Essa criança viria a ser o Rei dos reis, o Filho de Deus.

A partir de então o espírito de dar presentes tem permanecido na mente de todo cristão ao comemorar o Natal. Fico imaginando se nos beneficiaríamos

ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT

Com o nascimento do Infante de Belém, surgiu um poder maior do que o das armas e uma riqueza maior do que a das moedas de César. Essa criança viria a ser o Rei dos reis, Jesus Cristo, o Filho de Deus.

perguntando a nós mesmos qual o presente que o Senhor gostaria que déssemos a ele ou a nosso próximo nesta época tão especial do ano. Lembremo-nos do que disse o poeta Ralph Emerson: "Anéis e outras jóias não são presentes, mas desculpas. O único presente verdadeiro é uma porção de ti mesmo".[3]

"A verdadeira felicidade", disse o Presidente David O. McKay, "só pode ser encontrada quando fazemos os outros felizes—a aplicação prática da doutrina do Salvador de perder a vida para achá-la. Em suma, o espírito de Natal é o espírito de Cristo, que nos aquece o coração com amor e amizade fraternais e nos inspira a praticar boas ações. É o espírito do evangelho de Jesus Cristo, que, se obedecido, proporcionará 'paz na terra', pois significa boa vontade para com todos os homens."[4]

Se nos lembrarmos de que "quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus", não nos encontraremos na situação nada invejável do fantasma de Jacob Marley, que conversou com Ebenezer Scrooge no clássico de Charles Dickens "*Um Cântico de Natal*". Scrooge notou que grandes correntes prendiam o corpo de Marley e disse: "Vejo que estás acorrentado. Por quê?"

Marley respondeu: "Estou preso pela corrente que forjei em vida. Eu a fiz, elo por elo, metro por metro".

Scrooge tentou consolá-lo, dizendo: "Mas você sempre foi um honesto homem de negócios".

Marley respondeu: "Negócios! A humanidade era meu negócio . . . Não saber que qualquer espírito cristão, trabalhando com bondade em sua pequena esfera, seja ela qual for, descobrirá que a sua vida mortal é curta demais para tudo o que poderia fazer. Não saber que, seja qual for o grau de arrependimento, é impossível recuperar as oportunidades perdidas! Assim era eu! Assim era eu!"

Marley continuou: "Por que andei por entre multidões com os olhos abaixados e nunca os ergui em direção à abençoada estrela que guiou os magos a uma humilde morada? Será que não havia lares pobres aos quais sua luz pudesse conduzir-me?"[5]

Felizmente, todos nós podemos ter o privilégio de prestar serviço ao próximo. Basta olharmos e veremos também uma estrela brilhante e única que nos guiará a nossa oportunidade.

Há quem diga não existirem milagres hoje em dia, mas o médico da Romênia, cujas orações foram respondidas, diria: "Sim, há milagres"!

Permitam-me transcrever a bela mensagem contida no cartão de Natal que recebi de Dick e Marley Headlee, cujo título é "Um milagre moderno".

A família Headlee escreveu: "Nós e alguns amigos, trabalhando no projeto Concern International, com a ajuda de uma instituição humanitária da Igreja recolhemos, durante meses, mantimentos, roupas, remédios e brinquedos para um orfanato na Romênia. Finalmente terminou o prazo do projeto e a carga tinha que ser embarcada, na Cidade do Lago Salgado. Nos últimos momentos, quando fechamos o contêiner de doze metros, houve grande correria, mas as dezoito toneladas das tão necessitadas provisões foram por fim acomodadas. Então, literalmente no último minuto, chegou de Provo uma amiga nossa, Barbara Printon, trazendo vários objetos, entre eles um andador ortopédico infantil. Uma vizinha de Barbara ouvira falar de seu interesse por esse projeto e fora inspirada a doar o andador ao orfanato da Romênia. Nossa filha agradeceu a Barbara, olhou para o andador sem saber o que fazer. Ele não estava na lista das coisas necessárias, mas como o aparelho era leve, decidiu mandá-lo.

Quando chegamos à Romênia conhecemos um médico responsável por um órfão, deficiente físico de quatro anos, chamado Raymond. Ele tinha os pés deformados e era cego. Uma cirurgia recente havia corrigido o problema dos pés e o Doutor Lynn Oborn estava então ensinando Raymond, que nunca andara, a usar as pernas. As primeiras palavras que o Doutor Oborn nos dirigiu foram 'Ah, trouxeram o contêiner. Espero que tenham trazido um andador infantil para Raymond'. Kathy, nossa filha, respondeu que se lembrava vagamente de algo parecido, mas não sabia qual era o tamanho. Ela mandou então nosso filho Bruce procurá-lo e ele, após arrastar-se entre os pacotes de roupas e de comida, encontrou-o e levantou-o, gritando: 'É um andador pequeno!' Todos começaram a aplaudir e logo a chorar, pois sabiam que haviam participado de um milagre moderno.

Há quem diga não existirem milagres hoje em dia, mas o médico cujas orações foram respondidas, diria: 'Sim, há milagres, e Raymond está andando!' Certamente concordaria com ele a vizinha que, ao sentir-se inspirada a doar o aparelho, foi um instrumento nas mãos do Senhor.

Nossa família, tendo saído fortalecida dessa experiência, presta testemunho de que o Senhor ouve as nossas orações e responde a elas. Somos imensamente gratos por isso."

Talvez Dick e Marley estivessem lembrando o tempo em que Dick tivera uma parada cardíaca, quando os médicos tinham dito ser o transplante a única esperança. Naquela ocasião uma fé inabalável e orações sinceras precederam o milagre—que veio na forma de um coração novo, dando a Dick uma vida nova e uma alma cheia de gratidão pela bondade do Senhor.

Outra frase de Dickens representa muito bem Dick Headlee e sua família: "Honrarei o Natal em meu coração e lembrar-me-ei dele o ano todo. Viverei no Passado, no Presente e no Futuro. Os espíritos desses três se alinharão a mim. Não fecharei meu coração para as mensagens que cada um deles ensina".[6]

Uma lição de grande profundidade, ensinada na época de Natal, é o lamento do Senhor: "As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mateus 8:20).

"Não há lugar na estalagem." Essa frase acompanhou-lhe os passos e entristeceu-lhe o coração. Recordemos o dom supremo, definido pelo apóstolo Paulo: "O dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor (Romanos 6:23). Sua promessa é eternamente válida: "Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa" (Apocalipse 3:20).

O verdadeiro espírito de Natal encontra-se na Sua afirmação: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá" (João 11:25–26).

Que posso dar-lhe,
Tão pobre que sou?
Se eu fosse um pastor,
Traria uma ovelha;
Se um dos magos fosse,
Cumpriria minha obrigação;
Mas que posso dar-lhe?
Posso dar-lhe meu coração.[7]

Se dermos nossos corações a Cristo, receberemos o Espírito de Natal. Que mereçamos esse precioso presente e o compartilhemos voluntariamente. □

O Presidente Monson proferiu esse discurso no Devocional de Natal da Primeira Presidência, no dia 6 de dezembro de 1992.

AUXÍLIOS PARA DEBATE

1. Fé, sacrifício, amor e lágrimas fazem parte do que chamamos Espírito de Natal.

2. Seria proveitoso perguntar a nós mesmos qual o presente que o Senhor gostaria que déssemos a ele nesta época tão especial do ano.

3. Todos nós podemos ter o privilégio de prestar serviço ao próximo. Basta olharmos e veremos uma estrela brilhante e única que nos guiará a nossa oportunidade.

NOTAS FINAIS

1. Autor desconhecido.
2. Autor desconhecido.
3. *The Complete Writings of Ralph Emerson* (Nova York: Wm. H. Wise & Company, 1929), página 286.
4. Gospel Ideals: *Selections from the Discourses of David O. McKay* (Cidade do Lago Salgado: *Improvement Era*, 1953), página 551.
5. Charles Dickens, *A Christmas Carol*, em *Works of Charles Dickens* (Nova York: Gramercy Books, 1982), páginas 542–43.
6. *Ibid.*, página 581.
7. Christina Rossetti, "In the Bleak Widwinter", em *Sourcebook of Poetry*, compilado por Al Bryant (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1968), página 161.

O CAMELO DESLOCADO

Janet Eyestone Buck

Nossa família sempre apreciou a tradição de montar um presépio de cerâmica no Natal—com os Magos, camelos, pastores, ovelhas e, obviamente, Maria, José e o menino Jesus. Organizávamos o presépio todos os anos da mesma forma.

Certo ano, quando meus filhos ainda eram pequenos, desembrulhei cuidadosamente as figuras do presépio e coloquei-as em ordem, para representarem o primeiro Natal. As crianças logo se juntaram em volta de mim para observar-me e aproveitei a ocasião para falar-lhes sobre o nascimento de Jesus e a visita dos pastores e dos Magos. Então, como de costume, adverti as crianças de que não deveriam tocar nas figuras, explicando-lhes que elas eram delicadas e quebravam facilmente.

Naquele ano, contudo, a tentação foi grande demais para minha filha de dois anos, Elizabete. No dia em que montamos o presépio notei várias vezes, um tanto irritada, que um camelo ou uma ovelha eram constantemente deslocados de suas posições. Todas as vezes eu recolocava a figura no seu local apropriado e em seguida procurava Elizabete e dizia-lhe que não tocasse mais no presépio.

Na manhã seguinte Elizabete levantou-se e saiu do quarto mais cedo. Quando acordei e entrei na sala, notei imediatamente que o presépio havia sido modificado novamente. As figuras estavam todas amontoadas, tão próximas umas das outras quanto possível.

Com impaciência dei um passo à frente para restabelecer a ordem original, mas parei abruptamente ao dar-me conta de que o novo arranjo fora feito com certo planejamento. Todas as vinte e três figuras estavam agrupadas num círculo, voltadas para dentro, de modo que tivessem a melhor visão possível da figura que estava deitada no centro de todas elas—o menino Jesus.

O Espírito tocou-me a alma ao pensar no discernimento que aquela menina de dois anos possuía. Sem dúvida Cristo deveria ser o centro de nossas comemorações natalinas. Se o colocássemos no centro de nossa vida—não somente na época de Natal, mas todos os dias—que perspectiva melhor teríamos! Compartilharíamos mais facilmente o amor que ele oferece a cada um de nós com os que não ousassem chegar tão perto dele.

Mantive o presépio aquele ano como Elizabete o dispusera. Isso nos fez lembrar durante todo aquele período o verdadeiro significado do Natal. □

CONHECER O PASTOR

Élder Robert E. Wells
dos Setenta

Certa vez ouvi o Presidente Hugh B. Brown contar esta inspiradora história: Algum tempo atrás um conhecido ator fez uma excelente apresentação num grande teatro de Nova York, ao fim da qual foi aplaudido entusiasticamente. Depois de voltar diversas vezes ao palco, alguém lhe solicitou: "Poderia ler para nós o Salmo 23?"

"Pois não, conheço as palavras desse Salmo."

Como bom ator que era, declamou o Salmo com perfeição; seu desempenho foi tecnicamente impecável. Quando terminou, explodiram novamente aplausos estrondosos. Então o ator foi à frente do palco e disse: "Senhoras e senhores, aqui na primeira fila está um senhor idoso, conhecido meu. Vou pedir-lhe que venha aqui para, de improviso, verdadeiramente recitar o Salmo 23".

O senhor idoso ficou obviamente assustado e dirigiu-se tremendo ao palco. Seu olhar temeroso passeou pela vasta audiência. Então, como se estivesse em casa orando, ele fechou os olhos, inclinou a cabeça e falou com Deus:

"O Senhor é o meu pastor: nada me faltará . . . "

Quando ele terminou não houve aplausos, mas também não havia um olho enxuto no teatro. O ator voltou à frente do palco e disse: "Senhoras e senhores, eu conheço as palavras do Salmo 23, mas este homem conhece o Pastor". (Adaptado de Hugh B. Brown, *Continuing the Quest*, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1961, páginas 335–336).

O Presidente Benson deu-nos a chave para que conhecêssemos o Pastor, dizendo: "Para se conhecer a Cristo é preciso estudar as escrituras e os testemunhos

Pelo estudo das escrituras podemos remontar aos tempos em que Jesus andou entre os homens ensinando, amando, curando. Podemos aprender com ele e vir a conhecê-lo como o nosso Pastor.

dos que o conhecem. Podemos vir a conhecê-lo por meio da oração, inspiração e revelação que Deus promete aos que guardam seus mandamentos" (*God, Family, Country: Our Three Great Loyalties*, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1974, página 156).

UM CORAÇÃO CHEIO DE AMOR

Temos uma irmã, hoje com cabelos grisalhos, que conhece o Pastor. Ela dedicou uma longa vida de serviço ao Senhor, à Igreja e a seus semelhantes.

A primeira vez que a irmã Herta Mellor assistiu a uma reunião SUD foi a convite dos missionários. Eles a consideravam a pesquisadora mais culta, refinada e instruída que já haviam conhecido. Após algumas reuniões na casa dela, convidaram-na a acompanhá-los a uma reunião dominical na Igreja e ela prontamente concordou. A reunião era numa velha casa e os membros do ramo, de origem bastante humilde.

A reunião não transcorreu muito bem na opinião dos missionários, que desejavam impressionar sua convidada. A liderança do ramo era nova e ainda estava aprendendo seus deveres. Houve certa confusão no púlpito e uma interrupção na mesa do sacramento, no momento mais sagrado. Os discursos não foram tão interessantes quanto os missionários desejavam. A reverência via-se ameaçada de vez em quando pelas crianças e não havia órgão. Os missionários pensavam aflitos na impressão negativa que sua elegante pesquisadora devia estar recebendo. Eles sabiam que ela costumava freqüentar uma bela catedral, onde tudo funcionava de maneira altamente profissional e a congregação era das mais seletas.

A caminho de casa, um dos missionários começou a demonstrar seu constrangimento, tentando explicar: "Desculpe nossas instalações atuais. Um dia construiremos uma bonita capela". Em seguida acrescentou: "Desculpe nossos novos líderes. Temos um sacerdócio leigo e é por isso que nos revezamos na direção das reuniões. Os líderes novos ainda estão aprendendo como fazer isso". Quando ele estava prestes a dar outra desculpa, irmã Mellor virou-se e disse-lhe, com ar um pouco severo: "Élder, não se desculpe! Deve ter sido mais ou menos assim na época de Cristo!"

Com seus olhos espirituais e seu conhecimento do Pastor, adquirido pelo estudo das santas escrituras, ela conseguiu enxergar além de séculos de tradição, catedrais e órgãos, remontando aos tempos em que o Pastor se reunia com seus humildes apóstolos-pescadores, com pecadores e até mesmo com leprosos. Viu os santos primitivos reunindo-se num aposento pequeno e alugado. Viu crianças e o Salvador sorrindo para elas afetuosamente. Por conhecer o Pastor, ela podia dizer com profundo discernimento: "Deve ter sido mais ou menos assim na época de Cristo".

A meu ver ela exemplifica a admoestação seguida por muitos: "Enche tua mente com pensamentos de Cristo, teu coração com amor a Cristo e tua vida com serviço para Cristo".

DETALHE DE A PRIMEIRA VISÃO, VITRAL CRIADO POR LUCY THURSTON KINNEY PARA A SEGUNDA ALA DA ESTACA SALT LAKE LIBERTY.

Prestamos tributo a Joseph Smith como um profeta que conhecia intimamente o Pastor da Primeira Visão (*acima*) e de outras manifestações notáveis, como a aparição do Salvador no Templo de Kirtland (*à direita*).

UM PROFETA QUE CONHECIA O PASTOR

Sinto existir um homem que conheceu o Pastor melhor do que qualquer outro homem: foi o primeiro profeta vivo na terra, depois de muitos séculos. Ele escreveu um relato da primeira vez que teve uma visão do Salvador: "Vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente descia até cair sobre mim . . . Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome e disse, apontando para o outro: *Este é Meu Filho Amado. Ouve-O.*" (Joseph Smith 2:16–17).

Posteriormente o Profeta teve outras visões do Mestre, o Redentor ressuscitado. No trecho a seguir ele descreve uma dessas manifestações:

"O véu foi retirado de nossa mente, e abertos os olhos do nosso entendimento.

Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; e sob seus pés um calçamento de ouro puro, da cor de âmbar.

Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a sua voz era como o som de muitas águas, . . . que dizia: 'Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai'" (D&C 101:1–4). O profeta que fez essa descrição conhecia o Pastor.

O Profeta Joseph Smith teve o fim de um mártir. Ele morreu por seu testemunho, selando-o com o próprio sangue. Prestamos tributo a Joseph Smith como um profeta que conhecia intimamente o Pastor.

Cada um de nós deve perguntar: "Estou amando o bastante, estou estudando o bastante, estou servindo o bastante para *conhecer* o Pastor?" Que todos nós nos acheguemos ao Salvador por meio da obediência a seus mandamentos, para que ao nos encontrarmos com ele face a face possamos dizer: "Eu te conheço; tu és o meu Pastor". □

O Melhor de Todos os Presentes

Jimmy Kairi

Nunca tinha recebido um presente de Natal até que meu pai deu-me algo que significava tudo.

Nasci em Port Moresby, Papua, Nova Guiné, e fui o terceiro filho da família. Éramos pobres. Durante a infância, Natal e aniversários não eram aquelas ocasiões alegres de que muitas crianças se lembram depois que crescem. Na verdade, eram as ocasiões em que ficávamos mais tristes, sabendo e vendo que outras crianças recebiam presentes e guloseimas.

Éramos pobres principalmente porque meu pai gastava todo o seu parco salário em bebidas nos fins de semana. Estávamos sempre com fome. Quando minha mãe tentava mostrar a meu pai o quanto estávamos sofrendo, ele se tornava violento e raivoso, batendo nela até deixá-la ferida e chorando. Como ela procurou nos defender e cuidar de nós!

Os Natais passavam, mas para nós nada mudava. Não havia dinheiro para presentes ou doces. Minha irmã e eu costumávamos acordar cedo na manhã de Natal e ouvíamos os gritos de entusiasmo das crianças vizinhas que encontravam seus presentes de Natal.

Algumas vezes íamos ao depósito de lixo da cidade para ver se encontrávamos algo que poderíamos usar para brincar e nos consolar. Eu desejava muito poder ganhar algo novo e brilhante, um presente especial de Natal feito só para mim.

Certo domingo, minha irmãzinha voltou de uma nova igreja que visitara várias vezes com a prima, acompanhada de um casal missionário que queria conhecer a família. Élder e sister Call eram muito amáveis e humildes. Eles começaram a nos ensinar a respeito do evangelho de Jesus Cristo e de sua verdadeira igreja. Depois de ouvir as palestras e orar muito para que o Espírito nos guiasse, concordamos em ser batizados.

Nossa vida começou a mudar espiritualmente, mas financeiramente continuávamos pobres. Por isso meus sonhos infantis de um Natal de verdade com presentes feitos só para mim, nunca se materializaram.

Contudo, devido à nossa conversão, meu pai mudou e abandonou os maus hábitos. Parou de beber, de fumar e de deixar a família faminta nos fins de semana. Fiquei tão feliz e tive vontade de dizer a meu pai que o amava, mas tinha medo de fazê-lo. Desejava também que meu pai expressasse seu amor por mim. Ele nunca me disse o que sentia por mim ao ver-me crescer.

Fui, então, chamado para servir na Missão Micronésia Guam. Enquanto estava no campo missionário, recebi uma carta de meu pai. Ele dizia: "Filho, você me fez um homem muito feliz por sair em missão". No final da carta, ele escreveu: "Filho, amo você. Continue a fazer um bom trabalho para o Senhor".

Meus olhos se encheram de lágrimas de alegria. Era a primeira vez que ele me dizia aquelas palavras. Respondi a carta de meu pai e enviei-lhe um presente também. Disse-lhe: "Pai, amo você também!"

Já retornei da missão e meu pai serviu como presidente de ramo. Ao lembrar-me do passado, percebo que fui abençoado com presentes muito especiais: não do tipo que as crianças abrem na época de Natal, mas presentes que duram para sempre e podem ser apreciados a cada dia de minha vida. □

NOSSA FEST

Netzahualcoyotl Salinas Villazaes
ILUSTRADO POR LARRY WINBORG

Bacalar é uma cidade pequena e antiga no estado de Quintana Roo, México. Tem cerca de sete mil habitantes e pode-se atravessar a cidade em apenas quarenta e cinco minutos.

A maioria das casas são cabanas de madeira com telhado de folhas de palmeira ou de telhas de alumínio. A cidade fica ao lado de uma linda laguna que deságua em uma baía do Caribe perto da fronteira com Belize, na América Central.

Em outubro de 1982, o ramo de Bacalar foi organizado, com apenas quatro membros: meu pai, minha mãe, minha irmã e eu. Eu tinha dezesseis anos na época. Uma semana depois, na noite familiar, meu pai nos fez uma pergunta: "Que podemos fazer para que nosso ramo cresça?"

Por um instante, ficamos calados, pensando na resposta. Então, minha mãe disse com entusiasmo: "O Natal está chegando. Por que não organizamos uma festa para todas as crianças da cidade? Muitas delas nunca participaram de uma festa antes e seria uma boa experiência para todos. Certamente muitos corações se abrirão para a mensagem do evangelho".

Todos achamos ser uma ótima idéia e meu pai começou a fazer as designações. Minha mãe iria fazer bonecas de pano para as meninas. Minha irmã faria piñatas e as encheria de doces. Meu pai convidaria a banda sinfônica estadual para tocar cantigas de Natal durante a festa. E eu faria aviões de planta trepadeira para todos os meninos. Decidimos que precisaríamos de 150 bonecas e 150 aviões. Aceitamos alegremente nossas responsabilidades, não nos dando conta do sacrifício que teríamos que fazer para tornar nossa festa realidade. Descobrimos, pouco a pouco, que sacrifícios seriam esses.

Numa noite familiar posterior, meu pai nos disse que não poderíamos ter presentes de Natal nem a ceia de Natal especial como de costume. Não gostei muito da idéia.

Então, certa tarde, quando voltei da escola, percebi

A DE NATAL

que um lençol e algumas cortinas estavam faltando. Alguns dias mais tarde, não consegui encontrar algumas de minhas roupas. O mesmo aconteceu com minha irmã. Quando investigamos o caso, descobrimos que minha mãe estava fazendo bonecas de pano com os lençóis, cortinas e roupas que estavam faltando. Não gostei disso e quase discuti com minha mãe a esse respeito.

À medida que o Natal se aproximava, fui tendo que sacrificar cada vez mais tempo, dinheiro e esforços para completar os aviões. Minha mãe começou a ter dores nas costas porque passava muito tempo costurando as bonecas à mão e por fim acabei tendo que costurar os olhos de botão das bonecas. Também não gostei disso.

Finalmente chegou a véspera da festa. Meu pai me pediu que vestisse uma camisa branca e gravata para podermos visitar todas as casas para convidar as crianças.

No dia da festa, as crianças começaram a chegar cedo. Algumas vieram com os pais, outras sozinhas. À tarde, muitas outras crianças haviam chegado. A banda sinfônica estadual compareceu e tocou hinos de Natal. Eu contei histórias de Natal. Depois, as crianças quebraram as piñatas e cada uma recebeu um doce. Por fim, duas grandes filas foram formadas: uma para as meninas e outra para os meninos. Minha irmã e eu entregamos os brinquedos que havíamos feito.

Não posso descrever a alegria do rosto das criancinhas, mas apenas *um* daqueles rostos felizes teria valido todo o sacrifício que fizéramos. A raiva e a inveja desapareceram de meu coração e foram transformadas em lágrimas de gratidão e felicidade. Enquanto as crianças recebiam os presentes, eu recebi o mais precioso dom de minha vida: a alegria de servir ao próximo.

Depois de nossa festa, os missionários foram enviados para Bacalar. Em dois meses, nosso ramo tinha crescido de quatro para vinte e cinco membros. Em seis meses, havia quarenta e cinco membros. Hoje, onze anos depois, o ramo de Bacalar é uma ala e possui uma linda capela.

Minha mãe estava certa. Por causa do espírito daquele primeiro Natal, muitos corações, inclusive os nossos, se abriram para as bênçãos do evangelho. □

PRESENTES DE NATAL

Provavelmente já ouvimos pessoas reclamando que o Natal é uma ocasião muito comercial. Elas dizem que há mais ênfase no espírito de compras do que no espírito do Salvador.

Isso pode ser verdade para muitos, mas não precisa necessariamente ser verdade para nós. Podemos acrescentar um aspecto espiritual e de auxílio ao próximo em nossos presentes de Natal.

Quando os presentes refletem o amor do Salvador, tanto quem dá quanto quem recebe pode aprender a respeito de Cristo. Algumas idéias de presentes que podem ser dados individualmente, no quorum ou classe, ou na família são alistados a seguir. Cada um poderá também ter as suas próprias idéias:

NA FAMÍLIA

■ Pense nas boas ações que pode fazer em favor de cada pessoa da sua família, que podem ser oferecidas como presente: engraxar os sapatos, fazer as tarefas ou ajudá-la em algum projeto.

■ Grave em fita os livros favoritos de uma criança, para que ela possa ouvir as histórias repetidas vezes.

■ Escreva uma história infantil, colocando a criança que irá receber o presente como personagem da aventura, e faça um livro com essa história.

■ Escreva uma carta para cada familiar, expressando amor e gratidão.

■ Dê diários (ou cadernos simples) para cada pessoa da família. Estabeleça uma meta familiar de escrever periodicamente no diário.

■ Dê sementes e vasos aos membros da família. Veja qual das plantas brota primeiro.

NA COMUNIDADE, NA ALA OU NO RAMO

■ Pense em alguém que seja idoso, cego, doente ou inválido. Ofereça-se para ajudar essa pessoa nos preparativos e projetos para o Natal. Depois do Natal, ofereça-se para ajudá-lo a desfazer-se

da árvore-de-natal e guardar os enfeites e lâmpadas de Natal.

■ Dependendo do clima, ajude um vizinho a cuidar do quintal, a remover a neve ou consertar a casa.

■ Descubra se existem organizações de auxílio ao próximo em sua comunidade que estejam consertando brinquedos ou bicicletas, ou recolhendo alimento e roupas, para serem doados às crianças carentes. Ajude na coleta e distribuição dos itens doados.

■ Descubra se existem concertos de Natal gratuitos em sua comunidade. Ofereça-se para levar alguém que seja muito jovem ou velho para ir sozinho.

■ Ofereça-se para passar a tarde com os filhos de uma pessoa que viva sozinha. Ajude-os a escolher ou fazer um presente para a mãe ou o pai.

■ Tome conta dos filhos pequenos de um casal, para que este possa sair uma noite.

■ Faça surpresas de Natal para missionários, militares ou estudantes de sua ala ou ramo que não passarão o Natal com a família.

■ Dê um exemplar personalizado do Livro de Mórmon a um amigo. □

NOITE FELIZ

DeAnne Walker

Eu previra que as semanas antes do Natal seriam muito agitadas e sabia, por experiência própria, que ficaria ocupadíssima, mas esperava que este ano fosse diferente. Queria ter tudo bem organizado—as compras e todos os preparativos para as festas feitos com bastante antecedência, a fim de que as pressões da minha vida ocupada não interferissem com o espírito desta época natalina. E este ano *foi mesmo* diferente! Na verdade, os dias antes do Natal trouxeram mais desafios do que o normal. Como faço parte do Coro do Tabernáculo, aprendi, há muitos anos, que deveria estar preparada para ficar longas horas no Tabernáculo nessa época do ano. O mês de dezembro é sempre repleto de programas especiais, ensaios extras e concertos. Neste ano, porém, além dessas atividades, o coro estava também se preparando para uma *tournée* de concertos em Israel um dia depois do Natal! Tínhamos músicas difíceis para aprender que demandaram vários meses de ensaios extras. Tudo isso, mais o meu emprego de tempo integral e os preparativos para uma designação de trabalho depois da viagem do coro, deram-me muito pouco tempo para desfrutar a alegre preparação para as festas e estar com minha família.

Minha mãe viúva observava tranqüilamente enquanto eu tentava fazer malabarismos para cumprir todos os meus afazeres. Sabia que ela gostaria de ter sido visitada por mim com mais freqüência, que eu a tivesse levado para fazer compras de vez em quando, ou simplesmente, que tivesse arranjado tempo para telefonar-lhe mais vezes. Ficávamos sempre ansiosos por sua visita para jantar no dia do Senhor e ela nunca reclamou de ter recebido pouca atenção, mas eu sabia de sua solidão e do quanto ela desejava companhia. Como meu pai morrera havia quatro anos, ficara um grande vazio em sua vida. Eles foram companheiros eternos em todos os sentidos. Faziam tudo juntos, desde as ordenanças do templo e a decoração da casa até cantar e desfrutar a companhia dos filhos e netos! Eu sabia que ela estava recordando de novo os anos passados e aqueles maravilhosos Natais com meu pai. Foram tempos de muito amor e música, quando cantavam juntos nos muitos programas de Natal e reuniões de família, mas agora ela estava só.

Minha irmã e eu ajudamos minha mãe a montar a árvore-de-natal e a enfeitar a casa para as festas. Fizemos

a maior parte de suas compras, mas cerca de duas semanas antes do Natal, minha mãe ligou, desculpou-se por tomar o meu tempo tão ocupado e perguntou se eu me importaria de levá-la às compras uma tarde. Ela queria escolher pessoalmente alguns presentes além daqueles já comprados e, para mim, foi uma ótima oportunidade para tirar uma folga do ritmo frenético dos últimos dias. Almoçamos e passamos uma tarde muito agradável juntas! A alegria e o espírito do Natal que eu não tivera tempo de sentir antes, envolveu-nos completamente.

Poucos dias depois dessa tarde juntas, minha mãe ficou gripada. Ficamos muito preocupados e íamos sempre à sua casa para saber se estava bem. Ela não queria ficar em nossa casa, nem na de minha irmã, afirmando que logo ficaria boa. Desculpava-se por estar doente e por ser um fardo para nós numa época tão agitada. Depois de vários e penosos dias sofrendo com a gripe, sua saúde parecera melhorar, e diminuímos um pouco a vigília. Minha mãe presumira que estaria bem no Natal, e tudo indicava mesmo que sim.

Meu ritmo e meus afazeres aumentaram ainda mais na semana em que minha mãe ficara doente. Faltavam só três dias para o Natal, o coro acabara de dar dois concertos, eu ainda tinha compras de última hora para fazer, muitos projetos para terminar no escritório e em apenas quatro dias estaríamos a caminho de Israel. Quando meu marido entrou no escritório naquela tarde, fechou a porta, e disse-me que minha mãe havia morrido uma hora antes, tive dificuldade em compreender o que ele estava dizendo. Ele não tinha quaisquer explicações para justificar tal acontecimento — apenas a devastadora notícia de sua morte. Tudo que fora tão importante um minuto antes parecia ter evaporado. Senti como se o tempo tivesse parado e eu fosse suspensa numa espécie de vácuo.

Nos dois dias seguintes, minha irmã e eu fizemos os preparativos necessários para o funeral. Seria no dia seguinte ao Natal—no dia em que o coro partiria para Israel! Nossos familiares e amigos cercaram-nos de amor e cuidados, enquanto lutávamos para compreender a realidade do que acontecera. Sob tais circunstâncias, cheguei à conclusão de que não teria condições de viajar para Israel; mas uma noite, já bem tarde, telefonaram-me dizendo que haviam arranjado tudo para que eu viajasse alguns dias mais tarde. Senti-me tão grata a meus bons amigos e pelo que fizeram em meu favor!

Pelo bem das crianças da família bem como por nós mesmos, fizemos questão de que o Natal transcorresse o mais normal possível. Continuamos a fazer os preparativos para a véspera e para o dia do Natal, mas nos sentíamos tão vazios, tão solitários! O Natal simplesmente *não seria* o mesmo sem ela. Todos nós—especialmente as crianças—sentíamos o terrível vazio e tentávamos entender por que nossa mãe e avó fora levada justamente nessa época.

Devido aos feriados, fomos aconselhados a adiar o velório até pouco antes do enterro, mas os gerentes da casa funerária disseram-nos que podíamos ir lá a qualquer hora na véspera—no dia do Natal—para ficarmos alguns momentos a sós com nossa mãe. Depois da ceia, na noite de Natal, deixamos as crianças brincando com seus presentes e fomos à funerária.

Ficamos em silêncio ao lado do caixão, olhando para nossa linda mãe em suas roupas do templo. Ela parecia tão serena, tão feliz. Havia um espírito de paz e amor naquela sala—até mesmo um espírito de felicidade e alegria. Fechei os olhos e tentei visualizar o recente encontro glorioso de minha mãe com meu pai. Tive a impressão de que se escutasse atentamente, poderia ouvir os anjos cantando de novo como fizeram naquela noite sagrada anos atrás e que as lindas vozes de meus pais se uniram àquelas do coro celestial. Imaginei ouvi-los cantando: "Noite feliz! Noite feliz! . . . Dorme em paz, ó Jesus".

A compreensão e o conforto pelos quais havia orado pareciam ter-me envolvido enquanto lá estava, e minhas preocupações mundanas pareciam muito distantes. Naquela noite feliz reunida a meus entes queridos, agradeci ao Pai nos Céus por aquele momento de paz celestial. □

MULHERES DE CONVÊNIO

ILUSTRADO POR LORI WING

Alegre-se o mundo! "Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo" (Lucas 2:10). Esta é a época em que o mundo celebra o feliz advento do Salvador. É um momento apropriado para refletirmos sobre a maneira pela qual o Pai Celestial e seu Filho trazem alegria e significado a nossa vida. Uma dessas maneiras são os convênios.

Quando Maria disse: "Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra" (Lucas 1:38), ela estava na verdade prometendo, ou seja, fazendo um convênio de cumprir a vontade do Pai Celestial. Devido a este convênio sua vida encheu-se de uma alegria e significado que ela, jovem galiléia, jamais imaginara.

CUMPRIR CONVÊNIOS TRAZ ALEGRIA.

O primeiro convênio que fazemos é o do batismo. Tomamos sobre nós o nome de Cristo e comprometemo-nos a segui-lo. Renovamos esse convênio ao tomarmos o sacramento. O Pai Celestial, por sua vez, promete que seu Espírito estará conosco. Esse Espírito, em meio à angústia conduz-nos à paz, em meio à tristeza conduz-nos à alegria. Os convênios que fazemos no templo nos trazem ainda mais conhecimento e alegria.

Algumas irmãs da Sociedade de Socorro de Gana também sentiram alegria em cumprir convênios, mesmo sob grande pressão. Em 1989 o governo de Gana fechou a cadeado os portões das igrejas e proibiu os santos dos últimos dias de se reunirem e praticarem sua religião. A perseguição aos membros da Igreja foi grande. Membros como a irmã Faustina Otoo, no entanto, mostraram uma devoção ainda maior: "Sinto-me feliz por viver nesta época em que todas essas coisas estão acontecendo. Sempre nos disseram que seríamos pioneiros aqui".

Os membros da Igreja encontraram uma forma de mostrar seu compromisso: faziam devocionais em família, estudavam as escrituras e liam sobre a história da Igreja. A irmã Emma Twereboa-Kodua, presidente da Sociedade de Socorro de um ramo em Nsawam, Gana, escreveu: "Continuo visitando as irmãs ativas e elas estão todas com um bom espírito . . . Tenho jejuado e orado mais e melhor do que jamais o fiz em toda minha vida. Minha fé cresceu muito. As coisas com as quais eu normalmente me irritava agora não me afetam mais; a raiva e as frustrações já não têm o mesmo efeito sobre mim. Essas são algumas das bênçãos que obtive durante esses tempos difíceis". As proibições quanto às reuniões da igreja foram retiradas em dezembro de 1990.

• *Quando sentiu alegria em cumprir os convênios que fez?*

OS CONVÊNIOS APROXIMAM-NOS MAIS DE DEUS.

No convênio batismal prometemos também guardar dois grandes mandamentos: amar a Deus e ao próximo. (Vide Mosiah 18:8–9.) Esses convênios aproximam-nos mais de Deus.

Uma jovem descobriu que desenvolvera um espírito de crítica e sentiu o quanto essa atitude estava impedindo seu crescimento espiritual. Ao tomar o sacramento, prometeu ao Senhor não criticar ninguém da família por uma semana. Todos os domingos renovava seu compromisso e pedia que o Espírito estivesse com ela. Embora não tivesse sido fácil e seu progresso fosse lento, ela sobrepujou essa fraqueza. Os amigos, hoje, consideram-na como um exemplo de pessoa que nunca fala mal dos outros.

Quando nossos convênios com Deus moldarem nossa vida, nossas palavras e comportamento refletirão a bondade de Deus e a paz e alegria interiores prometidas àqueles que o seguem.

• *Como os convênios aumentam sua compreensão do amor do Pai Celestial por nós?* □

JOSEPH FIELDING SMITH

UM DISCÍPULO GENTIL

Leon R. Hartshorn

"Não há cura para os males do mundo, a não ser o evangelho do Senhor Jesus Cristo. Nossa esperança de paz e de prosperidade material e espiritual, e de uma herança no reino de Deus só pode ser encontrada no evangelho restaurado."

Assim falou o Presidente Joseph Fielding Smith, o décimo Presidente da Igreja, ao prestar testemunho ao mundo pela última vez, na conferência geral de abril de 1972. Três meses depois ele morreu. O testemunho do Presidente Smith foi alimentado por uma vida inteira de serviço ao Senhor a quem amava e baseava-se numa herança sem paralelo na Igreja: seu pai era Joseph F. Smith, que havia sido o Presidente da Igreja de 1901 a 1918, e seu avô era Hyrum, o irmão do Profeta Joseph Smith.

Quando menino, Joseph Fielding Smith recebeu um Livro de Mórmon do pai. Ao completar dez anos de idade, já o tinha lido duas vezes.

"TREINADO NO REGAÇO DE MINHA MÃE"

Joseph Fielding Smith nasceu na Cidade do Lago Salgado, Utah, no dia 19 de julho de 1876, filho de Joseph F. e Julina Lambson Smith. Sua devoção ao Senhor começou quando ele era ainda bem jovem.

"Fui treinado no regaço de minha mãe a amar o Profeta Joseph Smith e a amar meu Redentor", disse anos mais tarde. "Não cheguei a conhecer minha avó, Mary Fielding Smith e sempre o lamentei, pois ela foi uma das mulheres mais nobres que já viveram; entretanto, tive a oportunidade de conhecer sua bondosa irmã, minha tia Mary Thompson. Quando menino eu costumava visitá-la e, sentado no seu colo, ouvia as histórias que ela me contava sobre o Profeta Joseph Smith. Como sou grato por aquelas experiências!"

Bem cedo na vida ele decidiu ler as escrituras. Segundo sua irmã Edith, ele já havia lido duas vezes o Livro de Mórmon ao atingir a idade de dez anos.

"Quando eu era menino, bem antes de alcançar a idade de receber o Sacerdócio Aarônico", lembrava o Presidente Smith, "meu pai colocou um exemplar do Livro de Mórmon em minhas mãos e pediu-me que o lesse. Recebi esse registro nefita com gratidão e dediquei-me à tarefa que me fora designada. Certas passagens ficaram gravadas em minha mente e nunca mais as esqueci."

ESTUDIOSO E LÍDER

Esses primeiros contatos com as escrituras foram muito importantes para a preparação de Joseph Fielding Smith, que passou a vida inteira estudando o evangelho e escrevendo sobre ele. Serviu como Historiador

da Igreja durante quarenta e nove anos e ficou famoso pelo excepcional conhecimento que tinha da sua história e doutrina. Publicou seu primeiro livro em 1901 e seu último, em 1970. Nesse intervalo de sessenta e nove anos escreveu vinte e cinco livros, alguns dos quais se tornaram verdadeiros clássicos para os estudantes das escrituras e da história da Igreja.

Além de trabalhar como historiador e intelectual, em 1910, aos trinta e três anos de idade, Joseph Fielding Smith viu cumprir-se sua bênção patriarcal, que dizia: "Será teu dever assentar-te em conselho com teus irmãos e presidir o povo", pois foi chamado para ocupar uma vaga no Quorum dos Doze Apóstolos. Por mais de sessenta anos serviu fielmente como apóstolo do Senhor Jesus Cristo. Teve a pesada responsabilidade de presidir o Quorum dos Doze durante 19 anos, cinco dos quais servindo também como conselheiro na Primeira Presidência. Então, no dia 23 de janeiro de 1970, aos noventa e três anos, foi ordenado e designado Presidente da Igreja, servindo até sua morte, no dia 2 de julho de 1972, aos noventa e cinco anos de idade.

"A MEIGUICE DE SUA ALMA"

Por defender com firmeza as leis e os princípios do Senhor, o Presidente Joseph Fielding Smith era visto por alguns como um homem severo. Entretanto nada se distanciava mais da realidade. Aqueles que o conheciam de perto sabiam que ele respeitava profundamente as pessoas e era extremamente generoso ao distribuir amor, solidariedade e perdão.

Uma afirmação atribuída a alguns de seus amigos confirma isso. "Se tiver de ser julgado por alguém", diziam, "que seja por Joseph Fielding Smith".

Em 1956 os membros do Quorum dos Doze Apóstolos publicaram uma homenagem a ele, dizendo, entre outras coisas:

"Quiséramos que a Igreja toda pudesse sentir a meiguice de sua alma e sua grande preocupação com o bem-estar dos desafortunados e dos que sofrem. Ele ama todos os santos e nunca cessa de rogar pelos pecadores.

Com notável discernimento, ele parece ter apenas duas medidas para chegar a decisões finais: Qual o desejo da Primeira Presidência? O que é melhor para o Reino de Deus?"

UM LADO MAIS ALEGRE

Paralelamente à natureza séria e estudiosa, havia um lado mais alegre na personalidade do Presidente Smith. Ele possuía um aguçado senso de humor, que se manifestava com freqüência e espontaneidade. Por exemplo: certa vez, ao voltar de uma conferência na Califórnia, trazia em seu lanche algumas azeitonas que apanhara. Encantado com seu tesouro e sempre ansioso por compartilhar, perguntou a um dos irmãos se já havia provado uma azeitona recém-tirada do pé. A inocente vítima disse que não e, assim, deu uma dentada decidida numa das azeitonas frescas, o que se revelou uma amarga experiência. Enquanto as feições do irmão se contorciam, o Presidente Smith perguntava inocentemente: "Que aconteceu? Você pegou uma ruim? É melhor experimentar outra".

UM MARIDO ATENCIOSO

Além do trabalho na Igreja, Joseph Fielding Smith cumpria diligentemente suas responsabilidades como pai e marido. Em abril de 1898, quando tinha vinte e dois anos, casou-se com Louie Emyla Shurtliff. Com apenas um ano de casado foi ordenado setenta por seu pai, a 12 de maio de 1899, e no dia seguinte partiu para o campo missionário. Sem dúvida, um sacrifício de tal natureza não foi mais fácil para ele, então, do que seria para qualquer um de nós hoje. Ele aceitou o chamado e depois de trabalhar por dois anos no Distrito de Nottingham, Inglaterra, voltou para casa em junho de 1901.

Ao retornar, aceitou um emprego no Escritório do Historiador da Igreja, ao qual acabou devotando grande parte de sua vida. Responsabilidades adicionais lhe foram dadas em 1907, quando foi designado secretário da Sociedade Genealógica de Utah.

Joseph Fielding Smith teve duas

Joseph Fielding Smith era conhecido pelo seu excepcional conhecimento da doutrina e da história da Igreja. Publicou seu primeiro livro em 1901 e o último em 1970. Ele preparava diligentemente suas obras numa velha máquina de escrever manual.

filhas com a primeira esposa, Louie, nos seus quase dez anos de vida conjugal. Então, dois anos antes de ele tornar-se membro do Quorum dos Doze Apóstolos, ela morreu.

A 2 de novembro de 1908, casou-se com Ethel Georgina Reynolds, que lhe deu cinco filhos e quatro filhas e foi sua companheira por vinte e nove anos. Ela faleceu no dia 26 de agosto de 1937.

O Élder Smith casou-se então com Jessie Evans, conhecida cantora e integrante do Coro do Tabernáculo, no dia 12 de abril de 1938. Artista nata, dotada de uma natureza vivaz e jovial, ela esteve ao lado do Élder Smith por trinta e três anos, apoiando-o e cuidando dele com amor e devoção maravilhosos. Ela viveu para vê-lo tornar-se Presidente da Igreja e acompanhou-o em suas constantes viagens, participando não só de seu programa rigoroso, mas também da calorosa recepção dos santos em toda parte. Quando ela morreu do coração, no dia 3 de agosto de 1971, milhões de pessoas no mundo todo sofreram junto com o Presidente Smith.

Naquele período difícil, o Presidente Harold B. Lee, que era conselheiro na Primeira Presidência, expressou seus sentimentos ao profeta pela perda da esposa. O Presidente Smith assegurou ao amigo que o Senhor lhe daria forças para prosseguir com suas obrigações. "Como você sabe, eu já passei por isso antes", disse.

"O HOMEM QUE CONHEÇO É EXTREMAMENTE GENTIL"

Talvez a melhor descrição de uma pessoa venha daqueles que com ela vivem. Em 1932, sua esposa Ethel disse:

"Pedem-me que fale a respeito do homem que conheço. Tenho pensado muitas vezes que, quando ele se for, as pessoas dirão: 'Muito bom homem, sincero, ortodoxo, etc.' Estarão falando dele como o público o vê; mas o homem a quem se referem é muito diferente do homem que conheço. O homem que conheço é um marido e pai bondoso e cheio de amor, cuja maior ambição na vida é fazer sua família feliz, inteiramente esquecido de si próprio nesse empenho. É o homem que acalenta a criança inquieta até fazê-la dormir, que conta histórias aos pequeninos na cama, que nunca está cansado ou ocupado demais para ficar acordado até tarde ou levantar-se bem cedo a fim de ajudar os filhos maiores na solução dos difíceis problemas escolares. Quando surge uma doença, o homem que conheço

vela carinhosamente junto ao enfermo e cuida dele. É por ele que os filhos chamam, sentindo que sua presença é um remédio para todos os males. São suas mãos que fazem curativos nos ferimentos, seus braços que transmitem coragem ao sofredor, sua voz que os repreende gentilmente quando erram, até que encontrem felicidade em fazer as coisas que o deixam feliz.

O homem que conheço é extremamente gentil e, se acha que foi injusto para com alguém, não há distância que o impeça de procurar apagar a mágoa com palavras de carinho ou algum gesto bondoso. Ele recebe alegremente os jovens em sua casa e nunca está mais contente do que quando debate com eles assuntos do dia—esportes ou o que quer que lhes interesse. Aprecia uma boa história e percebe imediatamente o humor de uma situação, para rir ou ser motivo de riso, sempre disposto a participar de qualquer atividade sadia.

O homem que conheço é altruísta, paciente, atencioso, ponderado, solidário e faz tudo a seu alcance a fim de tornar a vida uma suprema alegria para aqueles que ama. Esse é o homem que eu conheço."

O Presidente Smith e sua esposa Jessie, uma cantora profissional, freqüentemente encantavam os santos cantando em dueto. A morte de Jessie em 1971 foi lamentada por todos que conheceram sua natureza alegre e bondosa

"COMO AMO MEU SENHOR"

Um dos filhos do Presidente fez este comovente comentário sobre o caráter de seu pai e da fonte da grande força interior que possuía:

"Quando crianças, freqüentemente ouvíamos nosso pai dizer: 'Se ao menos as pessoas do mundo pudessem entender as dores, aflições e pecados que o Senhor tomou sobre si para nosso benefício!' E sempre que fazia referência a isso, vinham-lhe lágrimas aos olhos.

Alguns anos atrás, enquanto estava sentado sozinho com meu pai em seu escritório, observei que estava em profunda meditação. Não ousei quebrar o silêncio, mas finalmente ele falou: 'Oh! meu filho, gostaria que você tivesse podido estar comigo na quinta-feira passada, quando me reuni com as demais autoridades gerais no templo. Como teria sido bom se você os tivesse ouvido testificar de seu amor por nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo!' Então baixou a cabeça, e lágrimas desceram-lhe pela face, caindo-lhe sobre o peito. Depois de vários segundos, sem mesmo levantar a cabeça, mas balançando-a suavemente, em assentimento, disse, 'Oh! como amo meu Senhor e Salvador Jesus Cristo!'"

O homem que o mundo e a Igreja

conheceram nunca permitiu que a idade avançada o impedisse de cumprir seus deveres, e durante o período em que foi Presidente continuou a viajar pelo mundo e a prestar testemunho do evangelho. Durante sua presidência, a Igreja realizou a primeira conferência de área—em Manchester, Inglaterra; dedicaram-se os templos de Provo e Ogden (Utah); criou-se a primeira estaca da Ásia—a Estaca Tóquio Japão; as segundas-feiras foram reservadas para a noite familiar; foi aberta a Missão Formosa; foi reorganizado o Departamento de Serviços Sociais da Igreja; foi aberta a Missão Itália do Norte; a Escola Dominical foi reorganizada; e organizou-se o Departamento de Comunicações Internas da Igreja.

Em seu último discurso numa conferência geral, esse bondoso servo do Senhor falou por experiência própria ao dizer: "Não existe obra alguma em que nos possamos empenhar que seja tão importante como pregar o evangelho e edificar a Igreja e o reino de Deus na terra". Sem dúvida, o Presidente Joseph Fielding Smith dedicou a vida a essa obra de fundamental importância. "Por toda minha vida tenho estudado e ponderado os princípios do evangelho, buscando viver as leis do Senhor", disse ele. "Assim, surgiu em meu coração um grande amor a ele e a sua obra, bem como a todos os que procuram levar avante seus propósitos na terra". □

DATAS MARCANTES DA VIDA DE JOSEPH FIELDING SMITH (1876–1972)

Data	Idade	Acontecimento
1876	—	19 de julho: Nasce na Cidade do Lago Salgado, Utah.
1897	21	Ordenado élder.
1898	22	26 de abril: Casa-se com Louie Emyla Shurtliff.
1899–1901	22–24	Serve como missionário na Inglaterra.
1901	25	Serve como secretário no escritório do historiador da Igreja.
1906	30	Torna-se historiador-assistente da Igreja.
1908	32	Morre Louie, sua primeira esposa. 2 de novembro: Casa-se com Ethel Georgina Reynolds.
1910	33	7 de abril: Ordenado apóstolo por seu pai.
1919	43	Torna-se conselheiro na presidência do Templo de Lago Salgado.
1921–1970	44–93	Serve como historiador da Igreja.
1934	57	Torna-se presidente da Sociedade Genealógica de Utah.
1937	60	Sua segunda esposa, Ethel, morre.
1938	61	12 de abril: Casa-se com Jessie Ella Evans.
1939	63	Viaja pela Europa antes da Segunda Guerra Mundial e coordena a retirada de todos os missionários não-europeus.
1945	68	Torna-se presidente do Templo de Lago Salgado.
1951	74	Torna-se presidente do Quorum dos Doze.
1955	79	Viaja pelo Extremo Oriente e dedica quatro países à pregação do evangelho.
1965	89	Torna-se conselheiro do Presidente David O. McKay na Primeira Presidência.
1970	93	Apoiado como Presidente da Igreja.
1971	94	Preside a primeira conferência de área da Igreja, em Manchester, Inglaterra. Morre sua terceira esposa, Jessie Evans Smith.
1972	95	2 de julho: Falece na Cidade do Lago Salgado.

FONTES

1. Joseph Fielding McConkie, "Joseph Fielding Smith", em *The Presidents of the Church*, publicado por Leonard J. Arrington, Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Company, 1986.

2. "Joseph Fielding Smith", *Encyclopedia of Mormonism*, Nova York: Macmillan Publishing Company, 1972.

3. "Joseph Fielding Smith" em *Meu Reino Avançará: Leituras sobre a História da Igreja* (31387 059).

4. Bryant S. Hinckley, "Joseph Fielding Smith", *Improvement Era*, junho de 1932, página 459.

ELE VIVE

. . . e nos ama. Descobri o quanto ele me amava quando mais precisei de sua ajuda.

Sally J. Odekirk

Tivemos, certo dia, uma reunião devocional especial a respeito do Salvador, como parte de nossa classe matinal do seminário. A jovem que dirigia prestou testemunho de Cristo e pediu que expressássemos nossos sentimentos. O professor, irmão Pratt, acrescentou seu testemunho e disse que todos necessitávamos saber que Cristo havia dado a vida por todos nós.

Ao ouvir os outros prestarem testemunho, ocorreu-me que não tinha certeza de possuir um testemunho do Salvador. Sempre freqüentei a igreja e as aulas do seminário, e acreditava que Jesus Cristo era o Filho do Pai Celestial e um exemplo para nós, mas não *sabia* realmente que ele era meu Salvador—alguém essencial à minha salvação.

Consegui dizer algumas palavras no seminário aquela manhã. Então passei os dias seguintes ponderando a experiência e orando para saber por mim mesma. Recebi um cálido sentimento de que a Igreja era verdadeira e que deveria viver segundo seus ensinamentos. Senti-me bem a respeito da resposta e decidi que ter um testemunho básico do evangelho e dos padrões de conduta da Igreja era o suficiente, mas ainda não compreendia a necessidade de um Salvador.

Então, muitos anos mais tarde, depois de sair de casa, enfrentei uma séria crise que me deixou abalada espiritual e emocionalmente. Sem a devida fé em Cristo para me guiar, senti-me sozinha e perdida. Havia parado de orar há algum tempo e acabara de decidir não mais freqüentar a igreja.

Bem nessa época em minha vida, meus mestres familiares, Dan e Terry, apareceram. Estava um pouco envergonhada por não ter ido à igreja naquele dia e não tinha uma boa desculpa para justificar minha ausência. O Espírito lhes dissera que havia algo de muito errado, por isso insistiram em dar-me uma aula que sentiam ser feita especialmente para mim. Ao terminarem a visita, ofereceram uma poderosa oração. O Espírito permaneceu presente algum tempo depois de terem partido e fiquei mais esperançosa, como há muito tempo não me sentia.

Queria que o Espírito permanecesse comigo. Reuni tudo o que restava de minha fé e fiz uma oração. Como já não orava havia algum tempo, não tinha real esperança ou expectativa de receber uma resposta, mas, ao ajoelhar-me e orar, foi como se uma nuvem negra fosse tirada de mim. Senti um calor irresistível tomar-me o coração. O aposento ficou repleto de amor e compreensão. A profundidade e força do amor do Salvador surpreendeu-me. Como ele me conhecia bem!

Não havia lugar para a dúvida e a incompreensão, quando ele mostrou compreender todos os meus problemas. De repente, palavras surgiram em minha mente, dizendo-me como poderia melhorar minha vida. E o Salvador prometeu ajudar-me em tudo que necessitasse. Aprendi que realmente existe um Pai Celestial e um Salvador, Jesus Cristo, e que eles conhecem cada um de nós individualmente. Aprendi também que eles nos ajudarão quando precisarmos, se lhes estendermos nossa fé. Soube então que, não importando o que aconteça, sempre devemos orar.

Apesar de continuar tendo problemas para superar, soube que o Salvador estava a meu lado, sempre pronto a me ajudar. Desde esse dia nunca mais me senti sozinha com meus problemas. Posso agora dizer o mesmo que o hino: "Eu Sei que Vive Meu Senhor". E sinto-me grata por isso. □

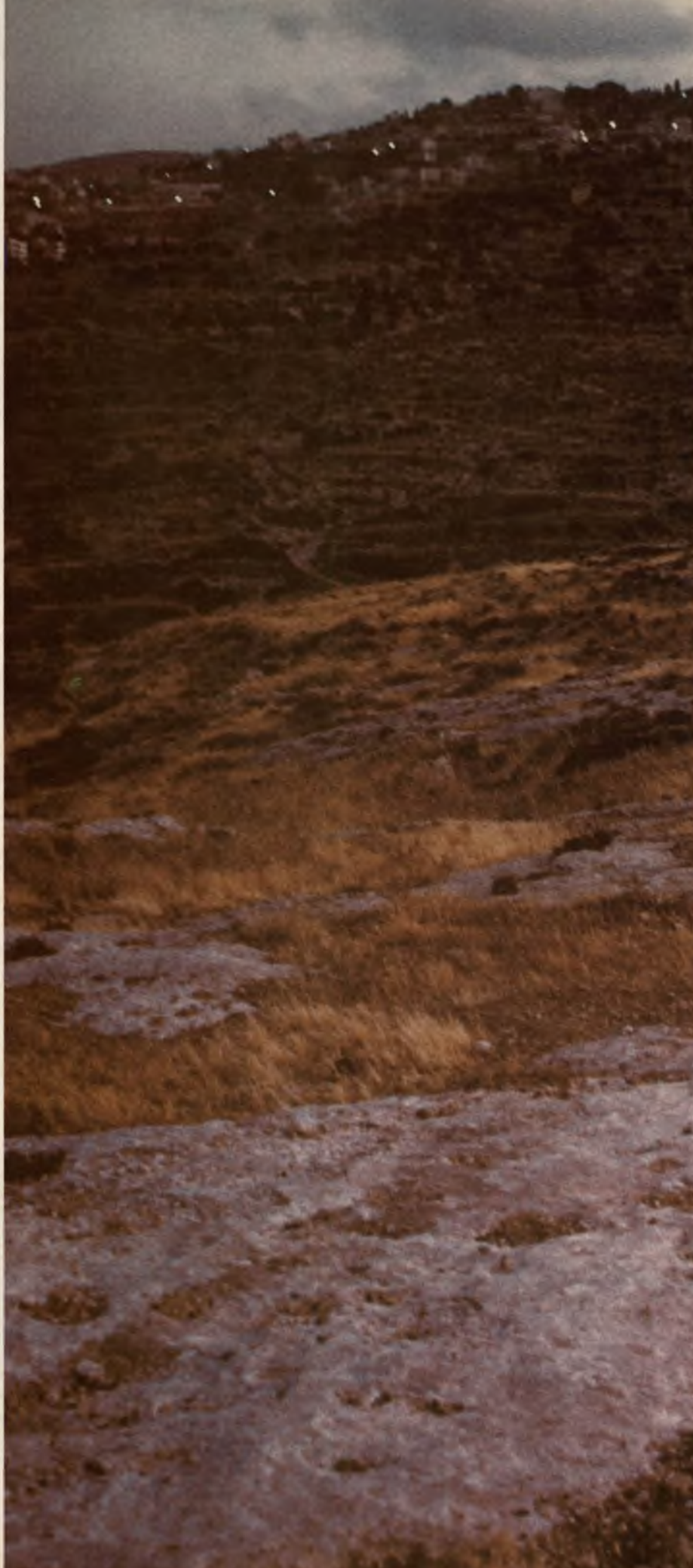
A Estrada para Belém

D. Kelly Ogden

Recentemente andei pela estrada que levou Maria e José naquela significativa jornada de Nazaré para Belém.

Por séculos, os judeus esperaram o cumprimento da grande promessa messiânica de Isaías de que uma virgem conceberia e daria à luz um filho, cujo reinado seria estabelecido sobre o trono de Davi para sempre. (Vide Isaías 7:14; 9:6–7.)

Foi na obscura cidade de Nazaré, na Galiléia, que o anjo Gabriel apareceu para anunciar o cumprimento da profecia; para proclamar o mais grandioso nascimento da história do mundo. Gabriel anunciou



Campos de pastores nos arredores de Belém. Em hebraico, *Belém* significa "casa de pão"—um nome apropriado para o local do nascimento de Cristo, que é o "pão da vida" (João 6:35). Davi, que foi antepassado de Cristo, também nasceu nesse local, cuidou das ovelhas de seu pai e proclamou "O Senhor é meu Pastor".

FOTOGRAFIA DE BRIAN KELLY

Uma casa da época de José e Maria reconstruída na Galiléia (*à esquerda*). Num quarto como este, Gabriel anunciou a Maria que ela conceberia o Filho de Deus.

O vale de Jezreel (*acima à direita*). José e Maria provavelmente caminharam para sudeste, saindo de Nazaré, por cerca de 16Km através deste vale. Muitos eventos bíblicos ocorreram neste lugar: Gideão selecionou seus 300 homens, Saul foi morto em batalha, e Elias profetizou contra Acabe e Jezebel.

Metade do caminho pelo vale do Jordão (*abaixo à direita*). José e Maria devem ter caminhado para o sul por cerca de 80Km através deste vale. A rota seguia paralela ao rio Jordão, que passa pelo meio do vale e não é visível nesta foto. Jesus foi mais tarde batizado no rio Jordão a leste de Jericó.

FOTOGRAFIA DE D. KELLY OGDEN

FOTOGRAFIA DE D. KELLY OGDEN

que o Deus dos céus teria um Filho neste mundo mortal e que Maria seria a mãe do Filho de Deus. (Vide Lucas 1:35.)

Foi profetizado que o Messias nasceria em Nazaré (vide 1 Néfi 11:13–21) e seria chamado Nazareno (vide Mateus 2:23). Jesus foi concebido e cresceu em Nazaré, em cumprimento a essa profecia.

Outra profecia, porém, precisava ser cumprida. Todos sabiam que o Messias prometido deveria nascer em Belém da Judéia. (Vide Miquéias 5:2 e João 7:42.) Uma vez que Maria estava prestes a dar à luz o primeiro filho e devia estar particularmente desejosa de permanecer junto da própria mãe e família, como se cumpriria a profecia de que o nascimento se daria em Belém, a quase 160 quilômetros de distância? Não foi por acaso que os governadores romanos decidiram

realizar um recenseamento para a coleta de impostos, o qual fez milhares de pessoas cruzarem o país para voltar ao lugar onde nasceram.

José e Maria tiveram que realizar uma longa e árdua jornada para o sul, até Belém. Temos uma única passagem das escrituras que descreve essa viagem:

"E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e da família de Davi),

A fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida." (Lucas 2:4–5).

FOTOGRAFIA DE NEIL FOLBERG

FOTOGRAFIA DE NEIL FOLBERG

FOTOGRAFIA DE DENIS WAUGH

O deserto da Judéia, com o Monte das Oliveiras no horizonte *à esquerda*). De Jericó a Jerusalém há uma distância de 27Km e uma íngreme subida de 1070m. Jesus mais tarde jejuou por quarenta dias e noites nesse deserto.

Fontes Kelt no deserto da Judéia (*acima à direita*). José e Maria provavelmente pararam para descansar no meio da subida através do desolado deserto e refrescaram-se nesse local.

O terreno do templo (*no meio à direita*). Uma mesquita muçulmana, o Domo da Rocha, ergue-se hoje no local onde o rei Herodes reconstruiu o templo. José e Maria passaram por Jerusalém a caminho de Belém.

Uma imensa escadaria conduz ao templo a partir do sul (*embaixo à direita*). Cinco a seis semanas depois de Jesus nascer, José e Maria levaram-no ao templo para ser abençoado. Jesus, mais tarde, pode ter ensinado nestes degraus.

FOTOGRAFIA DE NEIL FOLBERG

Eles provavelmente tomaram uma das duas possíveis rotas para Belém. Uma delas os teria levado para o sul através do vale de Jezreel, por entre as montanhas de Samaria, até a Judéia. Essa seria a mais direta e curta, mas há duas razões que tornam essa rota uma opção pouco provável para Maria e José. Ela era fisicamente árdua, com constantes subidas e descidas pelas montanhas; e levava o viajante diretamente através do território da Samaria, sendo que "os judeus não se [comunicavam] com os samaritanos" (João 4:9).

A outra rota é a que com maior probabilidade foi usada por José e Maria. Ela os teria levado para sudeste através do Vale de Jezreel, passando pelo vale do Jordão, prosseguindo na mesma altitude ou em ligeiro declive para Jericó, depois subindo pelo deserto da Judéia até Jerusalém e Belém.

Para descobrir por mim mesmo qual dessas duas rotas teria sido utilizada, trilhei recentemente as duas. Tanto uma quanto a outra tem 148Km de extensão. A velocidade de caminhada, mesmo com um camelo ou jumento, é de cerca de 5Km por hora. Desse modo, um viajante geralmente consegue andar de 27 a 38Km por dia. Percorri cada uma das rotas em trinta horas de caminhada: 27 a 32 Km por dia, pelo período de 5 dias.

Nesse passo, a jornada de José e Maria deve ter durado de quatro a cinco dias. Ficamos nos perguntando onde teriam passado as noites. Em que lugar e com quem teriam acampado à beira do caminho. A jornada deve ter sido cansativa para qualquer pessoa, em especial para uma mulher grávida prestes a dar à luz. Era o início da primavera, mas poderia ainda estar muito frio durante a noite nas montanhas. No vale do Jordão, porém, que fica abaixo do nível do mar, a temperatura deve ter sido agradável e amena.

A última parte da viagem era a mais árdua. Jericó é a cidade mais baixa do planeta e Jerusalém e Belém ficam localizadas bem no alto das montanhas. Entre Jericó e Belém há uma subida de 1070 metros passando pelo deserto. Como Maria deve ter ficado exausta! Quão ansioso deveria estar José por encontrar um quarto confortável na estalagem!

Tentando desesperadamente encontrar um abrigo adequado, eles podem ter recorrido como última opção a uma caverna de calcário usada como estábulo. A Igreja da Natividade em Belém, a mais velha igreja da cristandade, é construída bem em cima de uma dessas cavernas. É aceita por muitos cristãos do mundo inteiro como o local onde Cristo nasceu.

Naquela noite sagrada, um anjo anunciou aos pastores nos campos ao redor de Belém que o nascimento havia ocorrido: "Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (vide Lucas 2:11).

O anúncio da vinda do Salvador não deve ter sido uma surpresa para os pastores e outros moradores da Judéia, porque estavam ansiosamente aguardando um Salvador que os livrasse da opressão romana. Nem o anúncio do Cristo deve tê-los surpreendido. A palavra *Cristo* em grego é equivalente à palavra *Messias* em hebraico: significando "O Ungido". Os judeus havia muito aguardavam o seu Messias.

A palavra *Senhor*, porém, deve ter feito os pastores ponderarem profundamente: *Senhor* era o título dado a Jeová, o Criador, Aquele que deu a lei a Moisés no monte Sinai, o Deus que era adorado no Templo a apenas 8Km de distância.

O grande Jeová nascia como um bebê em Belém. □

Uma caverna ou gruta usada como estábulo para animais em Belém. Dificilmente poderíamos conceber condições mais humildes para o nascimento do Filho de Deus e Criador deste mundo.

FICÇÃO

UMA EXCELENTE MENSAGEM DE NATAL

Alma J. Yates

"Foi uma bela mensagem, rapaz", disse-me Bill quando desci de seu velho Plymouth verde escuro apertando o casaco para me proteger da noite gelada. Bill ficou olhando a rua escura, com as mãos calejadas, rachadas e sujas de graxa no volante. Era difícil saber o que ele estava pensando. Aquele rosto amplo e curtido como o couro, emoldurado por cabelos curtos e grisalhos, escondia bem todos os seus segredos.

"Gostaria de conhecer as escrituras tão bem quanto você, rapaz", murmurou ele, sacudindo a cabeça. "Mas", acrescentou com resignação, "acho que já estou muito velho para isso agora". Pigarreou e deixou que um risinho rouco lhe ressoasse no peito. "Poderia ensinar-lhe muito a respeito de motores a diesel. Trabalhei com eles por mais de cinqüenta anos. Mas nunca tive tempo para a Bíblia e esse tipo de coisas. Sim, senhor", acrescentou com um suspiro, "foi uma excelente mensagem, rapaz".

Tossi nervosamente, cobrindo a boca com a mão fechada, e murmurei um rápido boa-noite. Nunca sabia o que dizer quando estava com Bill. Eu o conhecia a vida inteira. Quero dizer, morávamos na mesma rua, mas ainda assim me sentia pouco à vontade quando estava com ele.

Bati a porta do carro e comecei a andar pela calçada. Olhei ao redor. A luz da varanda estava embaçada pela neve que caía. Subi ainda mais o colarinho do casaco e enfrentei o frio invernal.

"Puxa, Daniel, você voltou cedo", disse meu pai ao se deparar comigo. Tirei o casaco e sacudi a neve que derretia. "Como foram as visitas de mestre familiar?", perguntou ele.

Dei de ombros. "O de sempre", murmurei, jogando-me no sofá e fechando os olhos.

"Como vai a irmã Rencher?"

"Ela disse que está bem melhor. Pelo menos agora já consegue levantar-se e caminhar com auxílio do andador." Ficamos sem dizer nada por um momento, então eu disse, mais para mim mesmo do que para meu pai: "Bem, há uma vantagem em se fazer visitas de mestre familiar com Bill. Quando ele

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON E JED CLARK, UTILIZANDO-SE DE MODELOS FOTOGRÁFICOS

não está com muita vontade de falar, o que quase sempre acontece, conseguimos visitar as três viúvas em apenas meia hora. Deve ser um tipo de recorde".

Ouvi um agitar de papéis e abri os olhos. Meu pai havia deixado o jornal que estava lendo cair no colo e estava me encarando. "O que há de errado com Bill?" perguntou ele.

Dei um grande suspiro. "Nada, eu acho. Isso se eu não me importar de fazer tudo sozinho", acrescentei com sarcasmo. "Tudo que ele faz é aparecer e tocar a buzina na segunda quarta-feira do mês. Existem coisas que nunca mudam: a buzina do carro de Bill é uma delas. Nunca marcamos nada. Ele nunca deixa de vir. Mas todo o resto sou *eu* quem faz. *Eu* converso, dou a aula e tudo o mais.

Por que ele faz visitas de mestre familiar, afinal de contas?" perguntei, com repentina curiosidade.

"Como é que é?" perguntou meu pai.

Dei de ombros e mudei de posição. "Bem, desde que o bispo me designou para companheiro de Bill, há três meses, sempre me pergunto por que ele faz as visitas afinal. Bill já foi à igreja alguma vez?"

Meu pai deixou o jornal cair no chão. "Ele costumava aparecer de vez em quando, antes de sua esposa, Tillie, ter sofrido um derrame. Mas mesmo naquela época, ele se sentia mais à vontade em sua garagem, vestindo um macacão sujo e com graxa até os cotovelos".

"Posso acreditar", disse sorrindo. "Ele está sempre cheirando a motor velho. Nunca consegue limpar completamente a graxa das mãos." Hesitei. "Bill fuma, não é?"

Meu pai me olhou e deu de ombros. "Nunca o vi fumar".

"Não é preciso ter visto. É só olhar as manchas amareladas que ele tem nos dedos. E vive chupando pastilhas para tirar o bafo de cigarro. É por isso que não consigo entender por que o bispo Clark o deixa ser um mestre familiar."

"As viúvas nunca reclamaram", disse meu pai.

"Mas o mestre familiar tem que ser um exemplo. E não me diga que é uma chance de convidar Bill a aparecer na igreja. Você sabe, e eu também, que isso nunca vai acontecer."

"Acho que o Senhor sabe que as visitas de mestre familiar são uma oportunidade a Bill para fazer algo de bom", respondeu meu pai tristemente.

"Fazer algo de bom?" disse eu espantado, "mas ele é totalmente inativo!"

"Você pode aprender algo com Bill."

"Mas não quero ser mecânico de motores a diesel."

"Pode ser que você aprenda algo sobre o evangelho."

"Com Bill?" perguntei incrédulo. "Aposto que ele nunca leu uma escritura em toda a vida!"

"Acho que você não conhece Bill. Quando ele estiver diante do Senhor, duvido que o Senhor preste atenção às mãos sujas de graxa ou aos dedos manchados de tabaco." Meu pai pigarreou e mudou de assunto. "Você pode entregar os jornais no lugar de seu irmão amanhã, outra vez? Ele ainda está com a garganta irritada e tossindo muito."

Na manhã seguinte, levantei-me um pouco antes das cinco, jogando os fardos de jornais no banco traseiro do carro. Havia parado de nevar durante a noite e tudo estava coberto de um manto branco e úmido. Olhei para a saída da garagem e fiquei imaginando se deveria gastar alguns minutos para limpar um pouco a neve da calçada antes de sair com o carro. Assoprando os dedos dormentes e batendo o pé no chão para tirar a neve dos sapatos, sacudi a cabeça negativamente. Não tinha tempo para isso, pensei. E tinha certeza de que conseguiria tirar o carro sem atolá-lo na neve.

Minha primeira parada foi na casa da irmã Rencher. Na maioria dos casos, não me preocupava em deixar o jornal bem na porta da casa. Apenas jogava o jornal na direção da varanda. Mas a irmã Rencher era uma exceção porque tinha muita dificuldade para se locomover. Apanhei um jornal no banco traseiro, desci do carro e corri até os degraus da entrada da casa. Parei no fim da calçada, não acreditando no que via. A calçada e os degraus

haviam sido completamente limpos da neve. Olhei para o relógio: 5h15. "Puxa, alguém acordou bem cedo esta manhã", murmurei, enquanto corria pela calçada limpa e deixava o jornal do lado de dentro da porta da varanda. "Talvez a irmã Rencher consiga andar melhor do que eu pensava", disse sorrindo.

"Que rapidez", disse meu pai, quando entrei apressado em casa, fugindo do frio, noventa minutos depois. Ele estava vestindo o casaco e colocando alguns papéis na maleta antes de sair para o trabalho.

"Há uma tonelada de neve lá fora", comentei. "Deve ter nevado mais dez centímetros depois que fomos dormir."

"Espero que você tenha limpado a calçada e a saída de nossa garagem", brincou meu pai.

"Queria que eu acordasse às três da manhã?" respondi sorrindo. "Tive sorte em conseguir entregar os jornais, mas alguém acordou realmente cedo hoje. A calçada da irmã Rencher estava completamente limpa."

Meu pai sorriu. "E quanto às calçadas da irmã Hatch e da irmã Ballard?"

"Pai, eu estava entregando jornais, não fazendo visitas de mestre familiar. Não vou para aqueles lados."

Na quinta-feira seguinte, uma semana antes do Natal, estava em meu quarto me preparando para a festa de Natal dos Adultos Solteiros. Iríamos cantar canções de Natal para as pessoas da redondeza e depois nos reunir para comer e nos divertir na casa de Tracie Heath. Assim que calcei minhas meias mais grossas e as botas, uma buzina começou a soar na rua. Eu a ignorei até que minha mãe me chamou do saguão: "Daniel, você ia fazer visitas de mestre familiar hoje?

"Hoje? Não. Temos uma festa de Natal dos Adultos Solteiros."

"Parece que Bill está lá fora esperando por você."

"Bill?", disse surpreso, andando até o saguão. "Já fizemos as visitas do mês. Tem certeza que é ele?"

"Aquela é a sua camioneta Ford preta, não é?"

Desembacei a janela da cozinha com a mão e olhei para fora. Era mesmo a camioneta de Bill. Eu pensava que o Plymouth verde 63 era antigo, mas a camioneta era uma velharia, algo do início dos anos 50. "Se alguém está achando que vou sair com ele esta noite—"

Lancei outro olhar feroz pela janela. "O que ele pensa que eu faço, pensa que eu fico sentado esperando que ele venha me pegar—" "Daniel", minha mãe me interrompeu, "você nem mesmo sabe o que ele quer."

"Mãe, estou quase atrasado!"

"Apenas vá até lá e diga isso a ele", disse ela. "Com certeza ele vai compreender que você tinha outros planos."

Resmungando, saí para fora de casa sem casaco e corri até a Ford preta. Bill abriu a porta e inclinou-se no banco para falar comigo.

"Tínhamos combinado algo para hoje?" perguntei antes que ele pudesse falar. Bati os braços e arrastei os pés para afastar o intenso frio.

"O Natal é na próxima semana", foi a simples explicação que Bill me deu, coçando a barba por fazer do queixo. "Estou levando algumas coisas para as irmãs que visitamos", acrescentou ele. "Quer vir comigo?"

"Tenho uma festa dos Adultos Solteiros. Não sabia que havíamos planejado nada para hoje."

"Só vai levar um minuto", disse Bill. "Mas é melhor você apanhar um casaco." Deu uma risadinha. "O aquecedor desta camioneta não é grande coisa, mas eu tive que trazê-la em vez do Plymouth". Apontou com a cabeça para a traseira do veículo. "Tenho algo extra para Vivian Rencher."

Olhei para a traseira da camioneta. Havia um objeto grande embaixo de um encerado velho.

"Eu o trago de volta a tempo de ir para sua festa", acrescentou Bill ao ver minha hesitação.

"Vocês tinham combinado alguma coisa?" perguntou minha mãe quando bati a porta da frente e entrei para apanhar o casaco.

"Não", suspirei, "mas isso não faz muita diferença para Bill. Vou congelar naquele calhambeque preto. Não tem aquecedor e a porta do meu lado não fecha direito. Que raiva! Justamente hoje!"

Bill e eu não conversamos enquanto ele dirigia até a casa da irmã Ballard. Como previa, quase congelei.

Quando paramos em frente da casa da irmã Ballard, Bill tirou um saco de papel marrom de baixo do banco e andamos pela calçada até a porta da frente. Bati apenas uma vez e, quase imediatamente, a irmã Ballard abriu a porta e espiou para ver quem era. Levou um instante para ela nos reconhecer, então um grande sorriso iluminou-lhe o rosto e ela abriu a porta da varanda e nos cumprimentou alegremente. "Estava me perguntando se vocês apareceriam esta noite. Bem, vamos entrar".

Sentamos no lugar de costume no gasto divã coberto por uma colcha tricotada. Antes que a irmã Ballard se sentasse na cadeira à nossa frente, Bill entregou-lhe o saco de papel marrom e disse asperamente: "Tome algumas nozes. São da árvore lá de casa".

"Ora, muito obrigada, Bill. Usei as últimas que me deu no dia de Ação de Graças. Eu as guardo o ano inteiro no congelador para mantê-las frescas."

"Estão sem cascas, limpas e tudo o mais", acrescentou Bill, olhando para as mãos rudes e calejadas. Ele as esfregou e pude ouvir o som áspero que faziam. Observei-as por um instante, lembrando-me da mensagem sobre a Palavra de Sabedoria que havia dado no mês passado. Apesar de a Palavra de Sabedoria constituir apenas uma pequena parte da mensagem do mês da Primeira Presidência, enfatizei-a bastante. Na verdade, não precisava fazê-lo, não para as irmãs. Acho que era um jeito cruel de criticar um mau hábito de Bill.

"Oh, Bill", exclamou a irmã Ballard, trazendo-me de volta das nuvens, "deve haver mais de dois quilos de nozes aqui."

Bill deu de ombros desconcertado e ficou puxando o nariz.

"Deve ter levado horas para fazer todo esse trabalho", disse ela. "Muito, muito obrigada."

Bill não sabia muito bem como lidar com elogios e cumprimentos. Toda vez que recebia atenção demais ficava nervoso, sem graça e calado. A única maneira de escapar era voltar a atenção para outra pessoa. Ele puxou o lenço vermelho do bolso e assoou o nariz, anunciando para minha surpresa: "o jovem tem uma mensagem de Natal para a irmã".

Espantado, olhei para Bill, que começou a esfregar as mãos nas calças e bater com a ponta do pé direito no chão. Queria reclamar, mas àquela altura isso seria inútil. Sem ter-me preparado, a única coisa que me pareceu apropriado foi a história do Natal.

Quando terminei meu relato truncado, tendo esquecido algumas partes e misturado outras, abaixei a cabeça, com as orelhas e o pescoço vermelhos de vergonha. Bill ergueu-se e disse: "Foi uma excelente mensagem de Natal, rapaz". Ele tossiu e acrescentou: "O rapaz vai fazer uma oração, antes de irmos embora".

A irmã Ballard assentiu com a cabeça e fiz a oração. Quando estávamos saindo, Bill parou ao lado do fogão de lenha da irmã Ballard, como se estivesse se lembrando de algo. Voltando-se para a irmã Ballard, ele perguntou: "Os diáconos lhe trouxeram lenha, não trouxeram?" Ela sorriu e fez que sim com a cabeça. "E a cortaram para a irmã, não cortaram?" perguntou ele.

A irmã Ballard hesitou. "Oh, eu mesma posso cuidar disso".

"Quer dizer que não cortaram a lenha?" exclamou Bill, quase com raiva.

"Não se preocupe com isso, Bill. Posso cuidar disso sem problemas. Não uso mesmo o fogão de lenha com freqüência. O bispo Clark vive me dizendo que eu não deveria usá-lo, que seria melhor apenas acender o forno. É o que faço quase sempre, mas nas noites frias gosto de aquecer os pés no calor do fogão . . ."

"Mas eles não cortaram a lenha?" interrompeu Bill.

"Oh, o menino do vizinho vem às vezes e . . . "

"Eu e o rapaz vamos

cortar a lenha", interrompeu Bill. "Trouxe meu machado na camioneta. Se puder emprestar o seu ao rapaz."

Não pude acreditar que Bill estivesse realmente se oferecendo para cortar lenha! Justo naquela noite! Eu estava com minha melhor roupa. E se ficasse cortando lenha, jamais chegaria à casa de Tracie antes de todos terem saído para cantar. Mas Bill já estava a meio caminho da camioneta.

Alguns minutos mais tarde, estávamos no quintal dos fundos da irmã Ballard cortando lenha sob a fraca luz amarelada da varanda dos fundos.

"Que adianta um saco de nozes?" murmurou Bill enquanto brandia furiosamente o machado. "Ela não pode aquecer-se com um saco de nozes, pode? Não devia ter-me esquecido. Geralmente não me esqueço, rapaz. Sempre venho conferir. Sabia que algo estava errado, mas não lembrava o que era. Então, vi o fogão de lenha apagado. Ela geralmente o mantém aceso. Não é muito para se pedir. Alguém precisa cuidar dessas viúvas. Um saco de nozes e toda a conversa sobre anjos e pastores e manjedouras é muito bom, mas, nas noites frias, Martha Ballard gosta de ter lenha para o fogão."

Parei de cortar e olhei para Bill. Esqueci minhas roupas finas, as mãos frias e os pés molhados. Fiquei olhando para ele por um momento, dessa vez sem ver as mãos rachadas, ásperas e manchadas. Quando voltei a cortar a lenha, a festa parecia algo tão insignificante.

Meia hora depois, toda a lenha estava cortada e empilhada junto à porta dos fundos. Quando estávamos saindo, Bill avisou a irmã Ballard: "Não fique mais cortando lenha, há aqueles que podem cortar para a irmã e que deveriam fazê-lo".

Fomos então para a casa da irmã Hatch. Ela parecia estar nos esperando e abriu a porta assim que tocamos a campainha, com a face iluminada por um sorriso. Agarrou-me pelo braço e puxou-me para dentro. "Sabia que esta era a noite", disse rindo, apertando com alegria a mão de Bill e conduzindo-nos à sala de estar. "Tinha até preparado chocolate quente e bolo de frutas".

"Estas são para a irmã", disse Bill, segurando outro saco de nozes.

"Oh, Bill", disse emocionada e apanhou o saco, abrindo-o com carinho para ver o que havia dentro. "Você nunca se esquece, não é, Bill?"

Bill começou a ficar nervoso de novo e apontou o dedo na minha direção e disse com a voz rouca: "O rapaz tem uma mensagem de Natal e depois precisamos ir embora. O rapaz tem uma festa hoje à noite".

Nossa última parada foi na casa da irmã Rencher. A porta se abriu antes mesmo que eu tivesse chance de bater. A irmã Rencher, sorrindo e mancando com auxílio do andador de metal, convidou-nos a entrar.

Novamente, Bill executou o ritual das nozes. Conversou com a irmã Rencher a respeito do tempo, seu novo bisneto e a lamentável condição das ruas da cidade. Eu estava rapidamente revisando a história do Natal na cabeça, preparando-me para quando Bill dissesse ser a minha vez.

De repente, Bill ergueu-se e disse, olhando para o chão: "Tenho mais uma coisa para a irmã". Virando-se para mim, ele pediu: "Quer me ajudar, rapaz? Você pode segurar a porta para mim".

Bill foi até a camioneta, retirou o encerado de cima de uma espécie de cadeira, arrastou-a para fora da traseira da camioneta e levou-a para a calçada. Andou cambaleante até a casa, carregando uma enorme cadeira de balanço de carvalho, trabalhada e polida com perfeição. Ele colocou-a gentilmente no meio da sala, deu um passo para trás e sorriu com orgulho. A irmã Rencher ficou olhando sem conseguir falar. Ela olhou primeiro para a cadeira, depois para Bill e novamente para a cadeira.

"Quando sua cadeira de balanço quebrou na primavera passada", explicou Bill timidamente, "imaginei que precisaria de outra. Eu costumava fazê-las sempre, sabe, meu pai sendo carpinteiro e tudo o mais. Acho que esta não vai quebrar. Não é como aquelas compradas em loja."

Bill terminou de falar. O sorriso desapareceu, as palavras acabaram e ele sentou-se no divã a meu lado.

Vagarosamente, a irmã Rencher ergueu-se e arrastou-se até a cadeira de balanço. Tocou a superfície lisa, dura e lustrosa com a ponta dos dedos. Empurrou o encosto alto e a cadeira começou a balançar ritmicamente. Lentamente acomodou o corpo frágil na cadeira e descansou a cabeça grisalha no encosto sólido. Por um instante, ficou sentada imóvel. Começou, então, a balançar, sempre vagarosamente. Enquanto balançava na cadeira, um sorriso surgiu-lhe nos lábios e enormes lágrimas cristalinas encheram-lhe os olhos. "Obrigada, Bill", sussurrou ela. "Oh, como senti falta da outra cadeira. Mas esta aqui", acrescentou, tocando os braços curvos, "faria minha velha cadeira sentir vergonha".

Bill tossiu e anunciou subitamente: "O rapaz tem uma pequena mensagem de Natal para a irmã".

"Vamos fazer uma oração primeiro", sugeriu a irmã Rencher.

"O rapaz pode fazer a oração também", disse Bill.

"Eu farei a oração hoje, Bill", disse brandamente a irmã Rencher.

Nós três abaixamos a cabeça. Enquanto a irmã Rencher orava, compreendi por que Bill Hayward nunca fora desobrigado do cargo de mestre familiar.

"E Pai Celestial", orou a irmã Rencher, "agradeço-te muito, mas muito mesmo, por Bill e toda a sua bondade. Agradeço pelas muitas vezes que ele limpou a neve da minha calçada, ajuntou as folhas, cuidou do jardim e de todas as minhas necessidades. Ele tem realmente sido um instrumento em tuas mãos. Oh, Pai Celestial, rogo-te que abençoes e protejas este grande homem."

Logo depois do *amém*, Bill voltou-se nervosamente e gaguejou:

"O rapaz tem uma excelente mensagem para a irmã".

Por um momento, fiquei sem fala. Tinha um nó na garganta, mas não foi por isso que não conseguia falar. Deu-me um branco. Eu, que pensava conhecer tão bem as escrituras, especialmente quando me comparava a Bill Hayward, não conseguia lembrar-me de nada, nem mesmo da história do Natal, não o suficiente para poder contá-la naquela ocasião. A única coisa que me vinha à cabeça era uma parábola muito estranha. E nem sequer estava relacionada com o Natal—ou pelo menos assim pensava eu.

Molhei os lábios e esfreguei as mãos nas calças. "Acho que gostaria de explicar o que o Natal significa para mim", comecei gaguejando. "Ao menos o que significa para mim nesta noite". Olhei para as minhas mãos.

Elas estavam limpas. As unhas cortadas, a palma das mãos sem calos. "Havia dois homens que foram ao templo orar, um era fariseu e o outro publicano", comecei. "O fariseu era limpo e educado e se achava muito sábio. O publicano era trabalhador e tinha as mãos sujas e calejadas. Ambos foram ao templo orar, e o fariseu . . . "(vide Lucas 18:10–14).

Quando voltamos para minha casa, Bill agarrou o volante e ficou olhando para a escuridão além da luz penetrante dos faróis dianteiros. "Foi uma excelente mensagem, rapaz", disse ele. "Mas não me lembro de ter ouvido aquela parte da história de Natal que você contou na casa de Vivian Rencher, sabe, aquela sobre os dois sujeitos que vão ao templo".

Fez uma pausa. "Nem sei se compreendi direito o que ela queria dizer. Acho que isso acontece quando um sujeito estuda mais os motores a diesel do que as escrituras".

"Oh, mas acho que você conhece as escrituras, Bill", respondi rapidamente. Voltei-me e estendi-lhe a mão. Já tinha apertado a mão de Bill antes, mas nunca sem que ele me oferecesse a sua primeiro. "Obrigado, Bill", disse eu, emocionado. "Obrigado por sua mensagem", continuei dizendo, ainda apertando-lhe a mão calejada. "Foi uma excelente mensagem." □

***A Noite Santa*, do artista italiano Antonio Allegri da Correggio (1494 –1534).**
"E [Maria] deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura" (Lucas 2:7).

"E o anjo lhes disse:
Não temais, porque eis aqui vos
trago novas de grande alegria,
que será para todo o povo:
Pois, na cidade de Davi, vos
nasceu hoje o Salvador, que
é Cristo, o Senhor . . .
E foram apressadamente,
e acharam Maria, e José,
e o menino deitado na
manjedoura"
(Lucas 2:10–11, 16).

939 2059